A SOBRANCELHA DO MOREIRA

Simon Schwartzman

Publicado no *Jornal do Brasil*, 11 de agosto de 1986.

É curioso ouvir pessoas dizerem que não votam no Moreira por causa da sobrancelha. E não se trata de gente inculta ou despolitizada, destas que decidem seus votos pela cara dos candidatos. Estas mesmas pessoas são capazes de raciocínios políticos complicadíssimos, e no passado recente votaram em pessoas aparentemente impalatáveis por razões que os simples mortais dificilmente entenderiam. Mas a sobrancelha caída do Moreira parece paralisar o pensamento, impedir a análise dos fatos, fechar a porta para qualquer discussão. E um argumento irrespondível.

Esta fixação com a sobrancelha do Moreira (a do Darcy, completamente desalinhada, não parece provocar a mesma reação) talvez se explique pela dificuldade em enquadrá-lo como candidato. Não é um candidato anódino ou fisiológico, daqueles que tantas vezes atraem, sem maiores preocupações, o "voto útil" dos intelectuais; mas tampouco é um candidato ideologicamente puro e descompromissado. A aliança política costurada por Moreira, como todos sabem, inclui muitas coisas diferentes, da Frente Liberal ao Partido Comunista, de remanescentes do chaguismo à esquerda do PMDB, de intelectuais universitários aos chefes políticos criados pelo amaralismo.

Pareceria lógico que um candidato com este tipo de sustentação fosse incoerente em suas posições, e a passagem de Moreira pelo PDS parece provar isto. E sabido, no entanto, que Moreira só foi para o PDS depois de ter sido expulso do PMDB pela máquina chaguista - que dava, como sabemos, apoio aos regimes militares no Rio de Janeiro, e fechava o espaço político `as oposições. Sua passagem pelo PDS foi, no essencial, ao lado dos que levaram `a cisão o partido do governo e fizeram parte da grande aliança política que levou Tancredo Neves `a Presidência da República (enquanto o governador do Rio de Janeiro trabalhava pela prorrogação do mandato do Presidente Figueiredo). O PMDB de hoje ainda tem ex-chaguistas que participam da aliança moreirista, mas o chaguismo agora é coisa do passado.

Existe pois bastante coerência na carreira e na campanha política de Moreira, apesar das inevitáveis concessões e apelações que candidatos a eleições majoritárias são as vezes obrigados a fazer. Para resumir em uma palavra esta coerência, eu diria que ela reside em seu sentido de modernidade. Em termos político-partidários, isto significa entender, e assumir, o fato de que os grandes partidos políticos de hoje são sempre o somatório de coalisões heterogêneas, onde há um pouco de tudo, enquanto que os partidos ideologicamente puros são necessariamente isolados e minoritários. Isto não significa que todos os partidos são iguais. O PMDB que emergirá desta campanha continuará misturando coisas distintas, mas será um partido revigorado, cobrindo do centro `a esquerda do espectro político, com forte penetração em todo o Estado e, pela primeira vez na história do Rio de Janeiro, com um espaço aberto aos setores mais dinâmicos da sociedade carioca e fluminense que o chaguismo até hoje marginalizou.

Em termos de programa, esta modernidade se expressa em três pontos fundamentais. O primeiro é o compromisso com a Aliança Democrática, que consiste em apostar na ordem política democrática conquistada ao final do regime militar, e que vem se consolidando cada vez mais. Isto não significa apoiar automaticamente tudo o que o governo federal fizer, mas sim entender que o conflito político deve se dar <u>dentro</u> da ordem democrática, e não <u>contra</u> ela ou `a sua custa. O segundo é a preocupação com a competência, que significa entrar em contato e fazer uso dos recursos intelectuais, técnicos e empresariais de que o Estado dispõe para tirar o Rio de Janeiro da situação caótica em que se encontra depois de tantos anos de governos populistas. E um compromisso com a desenvolvimento da economia do Estado, com a melhoria de seu sistema de ensino, com a valorização de suas universidades. E este contato com a modernização e a eficiência administrativa que permitirá cumprir o terceiro ponto importante, que é o do atendimento `as necessidades sociais mais prementes da população.

A importância política de Moreira torna-se óbvia quando contrastada com o projeto essencialmente retrógrado da dupla Brizola-Darcy Ribeiro. Enquanto Moreira trata de costurar uma grande aliança política - e, no processo, a sobrancelha acaba ficando meio torta - Brizola faz o possível para reeditar o caudilhismo getulista naquilo que ele teve de pior, que foi a busca do exercício supremo da autoridade política pelo Chefe e seus leais seguidores, pelo hipnotismo das massas obtido graças à distribuição de alguns benefícios a curto prazo e ao estímulo à paranoia coletiva. O projeto político do populismo não é democrático, mas autoritário, já que aposta na destruição da aliança democrática.

Getúlio, como sabemos, também teve outras caras, sendo a mais importante o projeto de transformar o Brasil em um pais moderno e adequado ao século em que vivemos, construindo alianças e fazendo uso da inteligência e da competência técnico-administrativa onde quer que ela se encontrasse. Este ingrediente não existe no populismo puro que é o Brizolismo, que não duvida em partidarizar de cima a baixo toda a administração do Estado. E ele se torna ainda mais grave quando somado ao antiintelectualismo representado pelo ex-antropólogo Darcy Ribeiro, para quem a cultura brasileira parece se esgotar na apoteose do sambódromo. Existe uma linha de coerência bastante clara entre esta supervalorização do folclórico (a esta altura corrompido pela indústria do turismo e controlado pelos banqueiros do bicho) e a transformação da Fundação de Amparo `a Pesquisa do Rio de Janeiro em órgão burocrático e vazio, ou o abandono a que foi relegada pelo seu chanceler a Universidade do Estado do Rio de Janeiro; ou, finalmente, o que vem acontecendo com a política de educação básica, que deveria ser séria e prioritária, mas acabou transformada em mero expediente eleitoreiro, onde as fachadas dos edifícios brilham, mas os conteúdos pedagógicos e as políticas de valorização do professorado jamais são mencionados. Uma política baseada no personalismo e no uso fácil de símbolos populares, que se isola no culto de personalidades e rejeita a colaboração de todos os setores organizados da sociedade, não poderia desenvolver uma ação de interesse popular realmente significativa. O apoio que Brizola-Darcy conseguem ter em algumas áreas periféricas do Rio de Janeiro não é muito distinto, infelizmente, dos votos que entregaram a prefeitura de São Paulo a Jânio Quadros.

Mas quem garante que Moreira será muito distinto? Como confiar? Não será mais tranquilo, e intimamente mais satisfatório, votar em um candidato nítido e descompromissado como Gabeira? E claro que, em política, não existem certezas. Uma vez eleito, Moreira pode muito bem lotear o governo do Estado entre os membros de sua coalisão, e fazer um governo péssimo. Mas, se ele pretende não encerrar sua carreira política com o governo do Rio, ele deverá tratar de fazer uso das potencialidades de sua candidatura, que são as potencialidades do Rio de Janeiro, e fazer um bom governo. Quanto a Gabeira, ele traz, sem duvida, coisas novas e importantes, a começar pelo destaque que dá `a questão da proteção ao meio-ambiente. Mas não é verdade, como diz o slogan de sua campanha, que

"basta querer" para elegê-lo governador. Partidos ideologicamente monolíticos ou ligados a um ou dois temas únicos não ganham eleições majoritárias. Como tática para projetar seu nome, lançar ideias e futuros movimentos em favor de suas causas, a candidatura de Gabeira já é um sucesso. Como alternativa para a realidade política do Rio de Janeiro, no entanto, ela não passa de um refúgio para os que, embora descrentes da sobrancelha de Darcy, ainda não conseguem ver além da sobrancelha de Moreira.